

# Stadium

N.º 136 ★ 11 DE JULHO DE 1945 ★ PREÇO 1\$50

SEPARATA  
NESTE  
NÚMERO:

Fotografia a cores  
da equipa do

F. C. do PORTO

campeão nacional  
de «handball»



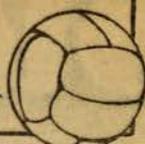
**SAMPAIO PEIXOTO**

*Valoroso atleta  
do Académico do Pôrto*

*novo «recordman» nacional  
dos 200 e 300 metros*



# NO MUNDO DA BOLA



## PELO "JORNALISTA DESCONHECIDO"

### Há resposta para tudo...

P. 86 — Qual a ordem, sob o ponto de vista de bom jogador, dos quatro médios-centro: Grazina, Barrosa, Moreira ou Gregório?

P. 87 — Qual a ordem, também, das linhas avançadas: Sporting, Olhanense, Vitória de Setúbal, Belenenses, Pôrto e Benfica?

P. 88 — Qual a melhor ala: António Marques-Jesus Correia; ou Eloy-Mário Coelho? (De Gabriel Coelho Nogueira, um sportinguista de Cete),

R. 86 — Barrosa, Moreira, Grazina e Gregório.

R. 87 — Benfica, Sporting, Olhanense, Belenenses, Pôrto e Vitória.

R. 88 — Equivalem-se.

P. 89 — Qual a melhor asa esquerda: Teixeira-Rogério, ou Quaresma-Rafael?

P. 90 — Qual a melhor asa direita: Arsénio-Espírito Santo; ou Lourenço-Araújo?

P. 91 — Qual o melhor de entre estes: M. Marques ou Guilhar; Gaspar ou Cardoso; Albano, Rendas ou Salvador? (De António Moreira da Rocha, um celtense sportinguista e amigo do futebol.

R. 89 — A do Belenenses.

R. 90 — A do Benfica.

R. 91 — Marques; Cardoso; Albano e Salvador são jogadores da mesma talha.

P. 92 — Capela, do Belenenses, terá possibilidades de um dia ser internacional?

P. 93 — Quais os jogadores do Belenenses insubstituíveis na Seleção Nacional?

P. 94 — Porque é que Amaro, sendo um jogador tão correcto, foi castigado?

P. 95 — Qual o grupo que joga com menos intenções de magoar o adversário?

P. 96 — Gilberto, que esteve no Belenenses, ainda joga futebol?

P. 97 — Porque é que a direcção do Belenenses decidiu ou vai decidir que Acácio não continue no grupo?

P. 98 — Quais os melhores avançados portugueses? (De um Belenense, de Santa Comba Dão, Gare)

(Continua na última coluna)

## O SIMPÁTICO ARRUIZA...

A-quando do Portugal-Espanha na Corunha, o espada Carlos Arruza foi interrogado, à maneira espanhola, sobre o resultado.

— A Espanha vence por três bolas...

O jornalista achou demasiado, e o fouteiro repisou:

— Mesmo por mais de três bolas.

Simpática pessoa!

Stadium

## Delegados aos jogos

É do regulamento. Não se sabe bem ao certo. Trata-se de uma figura adoptada no nosso futebol, ainda esta época. Consiste na nomeação de um indivíduo (nomeação secreta, mas de que toda a gente que anda enfiada na bola tem conhecimento) a quem compete assistir ao desafio, com mais ou menos atenção, para depois apresentar um relatório sobre o que se passou dentro e fóra do campo, principalmente dentro do campo, a fim da Federação ver se há, ou não, matéria para aplicar mais castigos do que aqueles que resultam da acuação arbitral, criando-se os mais delicados problemas ao referido Organismo.

Nunca se pode calcular o que um delegado secreto viu e concebeu. Acontece-lhe o mesmo que ao árbitro, que vê coisas sem importância e deixa escapar as mais graves. De sorte que estes relatórios da policia secreta actuam como caixinha de surpresas. Todos, dirigentes dos clubes, jogadores e adeptos, aguardam, ansiosamente, os resultados do relatório, desejando no íntimo que a desgraça caia no clube adversário.

Vimos esta época dois desafios, um a seguir ao outro, observados pelo mesmo delegado secreto (tratava-se por acaso de um dirigente clubista, portanto, de um desportista com idéias formadas e tendência de espirito) em que aconteceu, por efeitos do relatório, esta coisa patuasca — ser punido um homem que nada fez, e passar sem punição um homem que foi em campo a origem de todos os males. Isto com a diferença de oito dias.

Sei bem a pergunta que o leitor tem nos lábios. Mas então não é o árbitro que decide dentro do campo, mesmo em matéria disciplinar, e não é o seu boletim o documento formal que acusa ou defende, que elogia ou censura?

Parece que assim deveria ser. Mas não é bem assim. O árbitro decide, é certo. Mas a policia secreta está em campo para ver aquilo que ele não vê, e podíamos alargar o conceito: para não ver aquilo que ele vê.

Podendo até dar-se o caso de o árbitro afirmar que é branco, e o delegado jurar que é preto, levando à organização de inquéritos e processos a maior parte das vezes complicadíssimos.

Se não nos enganamos, esta figura teve, em tempos, uma função definida e perfeitamente demarcada. Competia-lhe resolver tudo quanto dissesse respeito, pròpriamente, à organização do jogo, desde o policiamento aos dinheiros das bilheteiras. Mais tarde, essas funções ficaram a cargo dos funcionários, como é lógico, mas manteve-se a pitoresca criação do delegado ao jogo. Mesmo nesta época, a vida deste cidadão, que se esconde na sombra por dever da sua função temível de acusador diplomado, esteve por um fio. Depois — ficou, nem se sabe bem porquê.

Matêmo-lo sem demora. É que já vai fazendo perder a paciência a todos!

## AINDA HÁ JOGADORES MODESTOS

Depois da final da Copa Generalissimo, em Espanha, preguntaram a Iriando, o excelente extremo-direito do Atlético de Bilbao, que esteve para jogar na Corunha contra Portugal, se estava contente por ter marcado os dois goals, e principalmente o da vitória.

Iriando respondeu:

— Estou orgulhoso por ter sido escolhido pela fortuna para dar o triunfo ao meu grupo.

— Pela fortuna?

E o jogador vasco respondeu com simplicidade:

— Sim. Porque os dois goals foram o resultado de umas jogadas de conjunto e muito bem trabalhadas, em que qualquer de nós, jogadores, podia meter o pé e conseguir as bolas. Não é para dizer que tive sorte por ser eu a marcar!

Ainda há jogadores modestos. A única dificuldade é encontrá-los!

## Corre que...

A maior parte dos jogadores dados como de passagem para clubes diferentes daquele em que actuaram esta época não tem fundamento.

♦ Manter-se-á o mesmo principio: regra geral não haverá transferências. Só em casos muito especiais, e depois de exame minucioso.

♦ As transferências que, como excepção, venham a verificar-se, nunca poderão afectar decisivamente o valor dos teams.

♦ De clube da Primeira Divisão para clube da Primeira Divisão deve ser impossível.

♦ Às vezes, os dirigentes dos clubes lançam a isca de uma forma original, dizendo que certo jogador vai para um determinado clube para depois ele ir para outro...

♦ O Belenenses já não se desloca à Madeira, em vista das negociações não terem chegado a bom termo.

♦ A Comissão Administrativa da Federação de Futebol mantém-se no seu posto.

### Há resposta para tudo...

(Continuação da primeira coluna)

R. 92 — Julgamos saber que Tanares da Silva segue atentamente a carreira de Capela.

R. 93 — Não há ninguém insubstituível...

R. 94 — No Benfica-Belenenses das Salésias, Amaro incorreu em falta disciplinar. Assim o entendeu, pelo menos, a Federação.

R. 95 — Actualmente, todos os grupos são correctos. O pior é o seu entusiasmo, na agitação da breja.

R. 96 — Gilberto está em Portimão. O clube local dá-se a um esforço magnifico.

R. 97 — Trata-se de um jogador que a direcção do Belenenses julga poder dispensar com proveito.

R. 98 — Lógicamente, os internacionais effectivos e suplentes. Ainda alguns outros, antigos e novos...

P. 99 — Dêstes, o melhor: Cabrita, Julinho, Jesus Correia ou Espírito Santo?

P. 100 — Grazina ou Barrosa?

P. 101 — Abraço ou Barrigana?

P. 102 — Joaquim Paulo, do Olhanense, ou Arsénio, do Benfica? (De Sportinguista n.º 1 de Olhão).

R. 99 — A avançado-centro, Cabrita é o melhor de todos—depois de Peyroteo!

R. 100 — Barrosa.

R. 101 — Sensivelmente iguais.

R. 102 — Talvez Arsénio.

P. 103 — Qual o melhor defesa esquerdo para vigiar o avançado-centro nacional Peyroteo? (De um salgueirista de Arouca).

R. 103 — Feliciano. O defesa Tarrío, do Belenenses, já foi para a Argentina há muito tempo.

## A JUSTIÇA DO "PENALTY"...

Depois do encontro Portugal-Espanha na Corunha, o jogador mexicano José Luiz Borbolla foi apresentado ao árbitro suíço Eugene Scherz.

Este, sabedor da nacionalidade de Borbolla, disse-lhe:

— No México e na Argentina dão tiros aos árbitros.

Borbolla respondeu:

— No México não fazemos isso. V. seria respeitado. Mas se assinalasse um penalty como aquele que marcou o Aparício, não sei o que aconteceria.

Os espectadores ficaram encantados com a pilheria. É claro que o simpático Borbolla teve o cuidado de não se referir ao penalty marcado contra Portugal. Só os penalties applicados aos outros são sempre justos.

# A equipa do HOCKEY C. P.

## conquistou a taça «Câmara Municipal de Lisboa»

**D**ISPUTARAM-SE na passada semana os últimos encontros da taça «Câmara Municipal de Lisboa», torneio de espada jogado entre equipas de quatro atiradores e ao qual já fizemos referência no nosso último número. A classificação final foi a seguinte:

1.º—Hockey Clube de Portugal, 4 vitórias colectivas; 2.º—Sala de Armas Carlos Gonçalves, 3-1; 3.º—Centro Nacional de Esgrima, 2-2; 4.º—Gimnásio Club Português, 1-3; 5.º—Lisboa Gimnásio Clube, 0-4.

Pode dizer-se que o Hockey Clube firmou a sua vitória nos dois primeiros encontros do torneio, durante os quais media forças com os adversários mais fortes: S. A. C. Gonçalves e Centro de Esgrima. Os triunfos registados, respectivamente por 11-3 e por 9-6 e 1 assalto nulo, traduzem resultados justos em relação à maneira como se desenvolveram os assaltos. Depois, a vitória esmagadora sobre o Gimnásio Clube, por 15-1, desi-

gnou-o praticamente como vencedor, tanto mais que o Lisboa Gimnásio, desfalçada a equipa do seu melhor elemento, nem sequer pôde incomodar o adversário. O Hockey fez-se representar por J. Cruz, V. Coato, F. Pereira, eng. S. Silva e M. Silva (suplente), que se exibiram dentro do seu nível normal de resultados.

A sala Carlos Gonçalves, detentora do troféu, teve desta vez um merecido segundo lugar, posto que só foi batida pelo Hockey. Apresentou a equipa habitual, com A. Almeida, M. e Castro, E. Lino, F. Chagas e

H. Santos (suplente), que se comportaram também de modo a obter o seu rendimento normal.

A equipa do Centro de Esgrima viveu da superioridade flagrantemente de Henrique da Silveira, que nos parecia no entanto menos combativo. Registou uma só derrota, infligida por Vasco Coato. Arménio Lopes, L. Beltrão e D. Sousa, este último enquanto jogador, acompanharam mal o seu mais forte «equipier». Nos dois últimos encontros disputados pelo C. N. E., com o Lisboa Gimnásio e o Gimnásio Clube, tivemos o prazer de ver João Sasseti, categorizada figura de verdadeiro desportista, de novo na prancha. Disputou seis assaltos, com outras tantas vitórias.

Esta equipa do C. N. E. está muito aquém das belas tradições da sua célebre sala de armas e, sem esquecer o desportivismo que representa a presença do Centro no torneio, confirma a estagnação verificada de há tempos para cá — que também não está em harmonia com a actividade tão prolfica que o C. N. E. desenvolveu brilhantemente na esgrima nacional.

A representação do Gimnásio Clube não correspondeu ao valor individual da maioria dos seus componentes — J. Oom, C. Dias, P. Araújo, J. Nogueira e V. Ventura, este disputando só dois encontros. J. Rel, presente no último «match» que a equipa jogou, foi ainda quem obteve a melhor média de resultados... As pesadas derrotas registadas ao defrontarem a S. A. C. G. e o C. N. E. não têm justificação. Só no encontro com H. C. P. a equipa obteve um resultado que, apesar de desfavorável, poderá aceitar-se como normal.

A acção do Lisboa Gimnásio neste torneio, dada a impossibilidade de contar com o concurso de Cruz Ferreira, não podia ir além do que conseguia. O esforço de Carlos Santos, flagran-

te exemplo de dedicação pela esgrima e pelo seu clube, e de J. Falhoto, A. Coito e F. Coito — perdeu-se perante a superioridade técnica dos adversários.

Individualmente, o melhor resultado pertenceu a H. da Silveira; em segundo plano figura D. António de Almeida e depois Vasco Coato e João da Cruz, seguidos de Pinheiro Chagas. Os restantes, entre os quais certa maioria que não participou de todos os encontros, ficaram de algum modo «baralhados».

### Torneios militares

Depois dos campeonatos militares de espada e sabre, aos quais nos referimos no nosso último número, efectuou-se a prova reservada a oficiais instrutores de esgrima. A vitória coube ao capitão Campos de Andrada, que totalizou 10 vitórias e 2 derrotas no conjunto das «paules» de espada e sabre — das quais foi também vencedor. Depois classificaram-se: 2.º, capitão Veiga Cardoso, 9-3, 16 toques; 3.º, capitão Pereira de Castro, 9-3, 18 toques; 4.º, alferes Sales Grade, 6-6; 5.º, tenente Dias Costa, 4-8; 6.º, tenente Pacheco, 3-9; 7.º, tenente Fanha Vicente, 1-11.

Todos os concorrentes pertenciam à Escola do Exército, onde regem o Curso de Instrutores de Esgrima, com excepção do alferes Grade, que representava a Escola P. Administração Militar.

Como nota final, é curioso sablinhar que aos torneios militares concorreram 50 oficiais, dos quais 8 eram instrutores e 1 pertencia à Armada. Efectuaram-se 498 assaltos em 6 dias, o que dá a média excelente de 83 por jornada.

### Taça «Coronel Silvão Loureiro»

Está a disputar-se este torneio individual de espada, organizado pelo Lisboa Gimnásio Clube e que registou elevado número de inscrições. Oportunamente lhe faremos a merecida referência

## A OPINIÃO PÚBLICA PROCLAMARÁ...

### Qual o melhor jogador de futebol na época de 1944-45?

#### STADIUM oferece uma taça ao jogador que conquistar maior número de votos

**A** época de futebol fecha bem: ambiente de interesse extraordinário, nervosismo e muito entusiasmo, tudo isto aureolando os dois mais populares representantes do futebol nacional, que os caprichos da sorte, primeiro, e os resultados dos jogos, depois, colocaram frente a frente, em três encontros, todos eles de importância decisiva para a disputa da «Taça».

O futebol encerra-se entre manifestações entusiásticas, numa verdadeira festa de desporto, com os seus pormenores de beleza atlética e de alegria. E para fecho um facto de grande interesse e bom significado: um dos contendores era da Província.

O Olhanense, defendendo com galhardia o seu desejo de vitória, impôs da melhor maneira o bom nome que o brioso grupo algarvio já conquistou no nosso futebol.

Todos, porém, que pisaram os locais do jogo da bola, vivendo com apaixonante interesse o esforço dos desportistas a quem foi confiada a defesa e prestígio das cores clubistas, retiraram nos seus olhos exhibições deste ou daquele elemento que melhor lhes soube prender a atenção. E um pormenor é certo: o jogador de futebol — seu prestígio e popularidade — tem na opinião pública o melhor julgador. É a pedra de toque para avaliar do agrado ou simpatia que um ou outro jogador despertou no grande público da bola que domingo a domingo os acompanha, não temendo tarde de chava ou de sol, pormenores que são imantados pelo seu entusiasmo e dedicação ao popular jogo.

Salvo as excepções de algum exagero, originário de espírito menos consciente ou de nervosismo mal contido, o público que vai ao futebol sabe ser justo e desportivo na apreciação de um facto relacionado com o jogo. Deixem-lhe acalmar o entusiasmo com que recebeu a vitória desejada, ou a decepção pela derrota nunca esperada — e deem-lhe ouvidos...

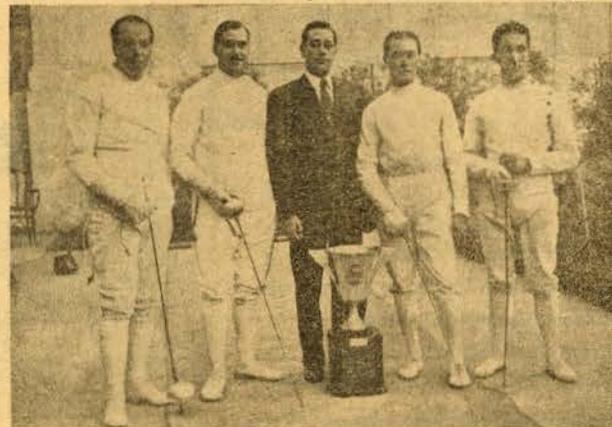
Pois é a esse público, entre o qual Stadium conta tantos amigos, que nos vamos dirigir. Uma pergunta apenas, substituindo a crónica que am dos da casa escreveria...

Vamos avaliar como reconheceu esse público entusiasta as qualidades do jogador que, entre todos os que animaram os nossos campos de futebol, melhor soube impor a sua classe, despertando no grande público o justo aplauso — que vai traduzir-se no voto que cada qual lhe atribuirá.

Confiamos na isenção e na imparcialidade dos nossos leitores, para que, ao entregarmos ao vencedor a taça conquistada, — recordação que lhe ofereceremos por este inquérito — o façamos com a certeza de que o prémio traduz fielmente a opinião do público da bola.

#### Qual o melhor jogador de futebol da época de 1944-45?

Desde já podem enviar à redacção da Stadium um simples bilhete postal, com o nome do jogador a que desejem atribuir o seu voto.



A equipa do Hockey Clube, com o seu professor, dr. Herculano Pimentel. Na fotografia não figura F. Pereira, componente efectivo da equipa

# Corrija o seu ESTILO

**NOTA:** — Reaparece esta temporada bastante tarde, a nossa secção. Efeitos do prolongamento da época futebolista, de circunstâncias várias que se antepuzeram à vontade de Stadium. No entanto, ainda chegamos a tempo e, se não houver embaraços inesperados, em breve apresentaremos a nossa crítica fotográfica sob novos e mais eficientes moldes.

82 — Monteiro Baptista, campeão de Lisboa junior do salto em altura

1 — O atleta vai ainda na subida para a barra e a perna livre antecede a perna de chamada, mas em mau ângulo de rotação na anca, pois a ponta do pé não devia estar dirigida para cima, mas sim para diante.

2 — Os braços já aqui exercem a tracção em mau ângulo, porque vão muito divergentes da barra, nada contribuindo portanto para o rolamento.

3 — A perna de chamada segue, flectida, a companheira, preparando-se, ou parecendo preparar-



-se, para escamotear a anca pela flexão da coxa e da perna e desvio do pé para trás da outra perna.

4 — Na fase imediata do salto evidencia-se o erro técnico do estilo deste saltador. A perna de chamada, em vez de continuar seguindo a outra, antecipou-se-lhe — e o joelho, nitidamente virado para cima, passa a ser um obstáculo ao rolamento.

5 — A primeira perna abandonou a sua colaboração no rolamento, atrasando-se, em vez de avançar na passagem

A fotografia é o fiel reflexo das atitudes atléticas e serve para anotar defeitos e virtudes

82



82 A



sôbre a barra (onde devia proceder a segunda) e encaminhar-se já em sentido descendente que favorecesse a subida da anca inferior na notação de todo o corpo sôbre a barra.

6 — Os braços, pior ainda, afastam-se da barra para cima, quando deviam rondá-la de perto.

Manuel Salto, campeão nacional Junior:

1 — Ambos os braços foram metidos à frente do corpo, em plano horizontal, ajudando bem a deitar o tronco sôbre a barra;

na segunda fase, com a barra praticamente transposta, verifica-se que os braços continuam em posição horizontal, o que explica o salto demasiado longo deste atleta, pois não completa o movimento envolvente de rolamento em tórno da barra.

2 — A perna inferior leva o joelho descolado da outra coxa, o que pode prejudicar na passagem da barra; note-se que na segunda fotografia a posição parece mais correcta, cabendo portanto

supor-se que o erro apontado na primeira pode apenas ser ocasional.

3 — Boa posição da perna superior (comparar com a posição de Monteiro Baptista), precedendo claramente a perna de chamada e dirigindo-se para diante e para baixo, na sua missão de orientadora do rolamento. Da observação destas fotografias conclui-se que o trabalho dos membros inferiores é, no saltador, mais perfeito e eficaz que o dos braços.

4 — Notar a completa horizontalização do tronco e, de uma para a outra fotografia, o aumento de abaulamento dorsal, que corresponde ao esforço para deslocação anterior do centro de gravidade.

Salazar Carreira

83 A.



## O Casa Pia Atlético Clube

O C. P. A. C., fundada em 3 de Junho de 1930, é a idéia-vitoriosa. A tentativa assentou numa concentração de casapianos, à volta de um jornal. Em Janeiro desse ano, um grupo de casapianos fundou a «Football», revista magnífica para o seu tempo onde se revelaram como jornalistas desportivos de fina tempera, dos melhores em plena actividade de jornais, Cândido de Oliveira e Ricardo Ornelas. Ao grupo editor pertenciam também Augusto Joaquim de Faria, falecido muito novo, Alvaro de Fonseca e Manuel Cruz. Foi este grupo que constituiu a comissão organizadora.

No começo da sua existência, teve um período fulgurante. Um dia após a sua fundação assegurava a sua entrada em provas de natação, principalmente com Mário da Silva Marques, antigo campeão e «recordman» de Portugal. Em 11 de Junho obtinha a primeira vitória com o mesmo nadador. Uma semana depois, coube ainda a Mário da Silva Marques conquistar para o novo clube o primeiro troféu — a «Faça Associação Naval», em quatro estílos.

No dia da sua estreia em futebol, para disputa do «Bronze Herculano Santos», em homenagem ao capitão do «onze» adversário, bateu o Benfica, ao tempo campeão de Lisboa, por 2-1. E fechou a época de 1920-1921 com a vitória no campeonato da A. F. L., sem nenhuma derrota — e com a ida a Paris e dois jogos em San Sebastian. Em 1922 fez uma viagem triunfal ao Fatal, a convite do Fatal Sport Clube.

Em 1930, o Casa Pia alargou a sua actividade a vários desportos, em alguns deles conquistando triunfos brilhantes. Criou assim alicerces que lhe



**O**S vinte e cinco anos de existência do Casa Pia Atlético Clube não podem ser apreciados devidamente sem uma alusão — ao valor afirmado pelos casapianos no desporto. Essa acção vem de longe, quasi desde os tempos distantes da introdução do futebol em Portugal.

A Casa Pia foi sempre modelar — na preparação física e na formação moral dos seus alunos. Perde-se um pouco na poeira do passado a data em que a ginástica lá principiou a ser praticada. Quando, porém, se renovaram, nas Salésias, após 1890, as exhibições públicas do futebol pela mocidade lisboeta, criou esse desporto fundas raízes entre os rapazes da Casa Pia — que possuíam excelentes condições de preparação física.

Data certamente dessa altura a prática dos desportos naquele estabelecimento de ensino. A ginástica, ministra a e activada com entusiasmo, juntou-se, assim, desde essas épocas afastadas, o amor pelo desporto.

### O futebol na Casa Pia

A Casa Pia de Lisboa transformou-se, deste modo, num alfiôbre esplendido de atletas — de bons atletas — desempenados, valorosos e correctos. O futebol deve no entanto ter sido o desporto favorito. Em 1893 organizou-se, em forma, uma equipa. Desta equipa safu o «onze» que, em 1897, numa tarde memorável para o desporto nacional, bateu o Carcavelos Club. Foi o primeiro «team» de clube ou escola que venceu os «mestres» ingleses. Até aí, apenas um grupo misto conseguira destronar a invencibilidade do clube inglês. E não foi depois fácil tarefa repetir a proeza. Quando se repetiu, no campo da Quinta Nova, com o Sport Lisboa, estavam lá alguns dos jogadores casapianos de 1897.

Passaram a sair da Casa Pia, ano a ano, numa successão que constitua título de orgulho para a escola, jogadores dos melhores que têm pisado campos de futebol, em todo o País. A geração famosa do «team» vencedor do Carcavelos teve discípulos. Espalharam-se, antigos e novos alunos, por diversos clubes. Primeiro, mais frequentemente, no Sport Lisboa, formado em grande parte pelos jogadores de 1893 a 1897, e onde se distinguia Cosme Damião, antigo aluno. Depois, mais tarde, entraram para outros clubes de Lisboa e da provincia. Quando num ou noutro ponto irrompia, vibrante, entusiástico, novo foco de expansão de futebol, havia a d'rigi-lo, ou a impulsioná-lo, um casapiano. António Ribeiro dos Reis pôs já em relevo, numa conferência, o que foi, em valor e utilidade, a acção dos casapianos em todos os desportos, de modo geral.

## AS BODAS de PRATA do CASA PIA A.C.

### Uma idéia em marcha

Surgiu desta maneira, insensivelmente, entre os antigos alunos da Casa Pia, ligados, todos eles, por uma solidariedade que mantém pela vida fora, a idéia de reunir todos os jogadores num clube próprio, num clube que apertasse melhor os laços de amizade desenvolvidos nos bancos da escola. Vem, pois, de longe, a idéia de organizar um clube casapiano.

A primeira tentativa registou-se, ao que parece, em 1900. Formou-se, com este objectivo, a Associação do Bem. Chegou a ter sede ampla, na rua Serpa Pinto. Não se dedicava apenas ao desporto, mas não o esquecia. Desta tentativa, dos trabalhos realizados, dos treinos de futebol levados a efeito no hipódromo de Belém, não se perdeu tudo. Quando a iniciativa falhou — ficou, o Sport Lisboa, depois transformado em Sport Lisboa e Benfica.

Mais tarde, em ano que não temos presente, houve nova tentativa — a do «Lux Soriano». Dedicou-se, também, ao desporto. Constituíram-se diversas equipas de futebol. O objectivo era o mesmo que orientou a Associação do Bem. Mas veio a ter o mesmo destino...



permitted chegar aos vinte e cinco anos, a despeito de ter lutado com muitas dificuldades.

O novo aniversário do Casa Pia, o seu primeiro quarto século, as bodas de prata, devem ser apreciadas e festejadas especialmente como vitória de uma idéia — que vem, pelo menos, de 1900. Triunfou, afinal, o desejo, o propósito de reunir, debaixo da mesma bandeira, todos os alunos, novos e velhos, num clube próprio, que seja um campo associativo de multiplas facetas, o prolongamento natural da escola, no que esse prolongamento tem de mais nobre e generoso, como afirmação de solidariedade.

Ao Casa Pia Atlético Clube apresentamos, pelo novo aniversário, as nossas mais efusivas saudações, com os votos de vida longa e próspera.



1 — O «elebra» grupo campeão: Guerra, Araújo, J. Graíha, G. dos Santos, Cândido de Oliveira, P. Nho, Loureiro, Rosmaninho, A. Graíha, Lopes e Nuno; 2 — O «tesmo» que foi a Paris: no 1.º plano — J. Graíha, Lopes, Rosmaninho, Loureiro e A. Graíha; no 2.º plano — G. Santos, Píaha, Guerra, Cândido de Oliveira, Nunes de Almeida; 3 — Nas comemorações das «bodas de prata» do C. P. A. C.: sob a presidência de honra do sr. director geral de Desportos, Ricardo Ornelas profere a sua b' ilibante palestra evocativa.

# O DESPORTO AEREO vai desenvolver-se em Portugal

devida à acção do Secretariado da Aeronáutica Civil

O desenvolvimento metódico e progressivo do desporto aéreo só se consegue à base de organização perfeita e amparo eficiente e duradouro.

O espaço, outrora destinado ao vôo das aves, é hoje, graças ao progresso e desenvolvimento da aviação, enorme pista aberta a um desporto moderno, salutar e nobre. Praticá-lo, no entanto, não poderá ser fruto de iniciativas meramente particulares e só o Estado poderá torná-lo possível,



Tenente-coronel HUMBERTO DELGADO

dispensando-lhe aquêle auxilio que se torna urgente e bem necessário.

Enquanto nos outros desportos, mesmo nos que não são considerados pobres, o praticante começa muitas vezes levado unicamente pelo seu entusiasmo e pelas suas condições atléticas, encontrando, com relativa facilidade, os meios para o seu desenvolvimento físico, o desportista do ar, isto é, aquêle que pretende lançar-se no espaço em pugnans ou em vôos meramente desportivos, não verá os seus intentos coroados de êxito se não achar os meios indispensáveis para o poder fazer — antes de mais nada a facilidade na obtenção do «brevet» e, depois, o mais difícil, o avião que tornará realidade o seu sonho.

Até hoje pouco se fez no nosso país, mas, diga-se, pouco também se poderia ter feito se atendermos às incalculáveis dificuldades que o problema suscita e que, repetimos, só o Estado poderá resolver.

A criação do Secretariado da Aeronáutica Civil, à frente do qual se encontram dois distintos oficiais aviadores — o tenente coronel Humberto Delgado e o major Humberto Pais — veio animar quantos se interessam pelo desenvolvimento da aviação em Portugal, através das suas facetas desportiva, turística ou comercial.

O Secretariado surgiu na hora própria, na altura em que a sua acção poderá ser mais eficiente, e apareceu disposto a vencer dificuldades, algumas tremendas, tornando possível o que muitos supunham de difícil resolução.

Posta de lado a parte turística

e comercial, ambas fora do âmbito da nossa revista, vamos tentar dar ao leitor a sùmula do que tem sido a acção daquele organismo no que diz respeito à aviação desportiva e ao amparo que desde já procura dar-se ao atleta do espaço — ao desportista do ar, que teve em Plácido de Abreu o seu pioneiro glorioso.

O primeiro cuidado do Secretariado da Aeronáutica Civil foi tratar a sério do difícil problema da «aviominiatura», que até ali vivera da iniciativa particular de um ou dois clubes que devotadamente se lançaram na tarefa de construir pequenos modelos de avião, fazendo-os voar, com maior ou menor êxito, sempre na medida do possível e do viável. Assim, foram abertos cursos de instrutores dirigidos por um técnico espanhol de reputado valor — D. Manuel Helena Olmo.

O primeiro curso, que teve a duração de 122 horas de trabalho efectivo, foi frequentado por onze alunos da provincia, três do Pôrto e sete de Lisboa, e com êle se alcançaram resultados que muitos talvez não esperassem. Logo que findou teve lugar um concurso entre os alunos, que fizeram voar os modelos construídos, dando largas ao seu entusiasmo.

Criou-se, assim — enviando para tóda a parte instrutores competentes — uma unidade de doutrina de ensino digna do melhor elogio.

O vôo à vela interessou desde logo o organismo criado pelo Governo e as primeiras medidas tomadas são de molde a dar a certeza de que algo de muito útil vai fazer-se.

Iniciaram-se as visitas aos arredores de Lisboa, para a escolha de locais onde devem preparar-se campos de aviação sem motor, especialmente em Alenquer, Tórres Vedras e Bombarral. Foram encontrados vários montes com características interessantes para a prática de tão curiosa e útil modalidade desportiva. No entanto, apesar das esperanças na sua futura utilização, a segurança que o Secretariado pretende pôr nos seus empreendimentos não se coaduna com improvisações, o que justifica os estudos aturados a que serão submetidos os vários locais antes de serem considerados aptos para a aviação à vela.

Também foram adquiridos os primeiros veleiros, que já se encontram em Portugal, e a escolha de material continua a interessar vivamente os técnicos dirigentes do Organismo que superintende na nossa aviação civil.

Com boas escolas de aviominiatura e com o vôo à vela desenvolvido metódicamente, teremos o espaço percorrido por dezenas de aviões, que se lançarão em lutas desportivas, dando ocasião a que os desportistas do ar surjam no nosso país dispostos a continuarem a fama de Plácido de Abreu e a saberem reconhecer o valor daquele que levantou bem alto na América do Norte a bandeira gloriosa da Pátria, para baquear em França ao serviço da aviação desportiva, em honrosa representação de Portugal.

## DUAS NOTAS POR SEMANA

### EM PORTUGAL

Os festivais ciclistas que começaram a ser regularmente organizados na pista do Lumiar, sobretudo os festivais nocturnos, correspondem a uma das mais interessantes iniciativas para propaganda das modalidades desportivas estivais.

O espectáculo é emotivo e conquistará facilmente as simpatias do publico, do grande publico até, se for possível a participação dos clubes mais populares da cidade.

Uma das imprescindíveis qualidades nos programas dessas organizações nocturnas é a sua constante diversidade; a repetição, mesmo com variantes de pormenor, cansará depressa a assistência e estragará todo o trabalho feito. Por isto, que é essencial, nos permitimos sugerir a associação de outras modalidades nos festivais nocturnos: o «basket», o «volley» seriam experiências a tentar e, sobretudo, o atletismo.

As competições atléticas, reünindo representantes dos dois grandes clubes — que por certo não negariam a sua colaboração no interesse da própria modalidade, ou mesmo, em determinadas condições, no interesse próprio — seriam de agrado garantido e contribuiriam para levar à pista do Estádio mais uns tantos espectadores. É assunto para estudar nos seus pormenores, porque o merece.

Estes meses do defeso futebolista precisam de ser convenientemente aproveitados para a propaganda das outras modalidades desportivas de menor expansão e, porque cada uma delas conta com seu publico — mas um publico escasso e que lhe não permite independência — é da melhor lógica associá-las em beneficio comum.

### NO ESTRANGEIRO

A leitura dos relatos feitos pelos jornais desportivos espanhóis às diversas provas de campeonato regional ou nacional, fornece-nos por vezes indicações curiosas e particularmente interessantes para o nosso comentário de portu-gueses.

Na notícia relativa à primeira jornada dos campeonatos de atletismo da provincia, encontramos, por exemplo, a indicação de que o vencedor do lançamento do peso foi o conhecido «recordman» nacional Erranzquin, com 12,86 m; o facto não merece maior reparo se não houvesse a estranha coincidência do mesmo Erranzquin figurar como seleccionado na equipa de Castela que devia ter vindo a Lisboa. Como não nos consta que existam dois lançadores com o mesmo apelido (se assim for a surpresa desaparece), ficamos sem compreender como possa o mesmo homem pertencer a duas associações regionais, uma para uso interno e outra para efeitos externos...

Também encontramos caso idêntico no campeonato de Espanha de «handballs»: José Luis Adarraga, o mais velho dos famosos manos que alinharam pela equipa de Madrid em Chamartín e o que mais se salientou pela sua exhibição de luta livre contra os lisboetas, appareceu incorporado na equipa do Esperanza de S. Sebastião, que foi derrotada na meia-final pela S. E. U. de Madrid, onde o irmão João Baptista conservou o seu posto.

Estes exemplos de dupla filiação de atletas, fora dos hábitos portugueses, devem ficar arquivados como prevenção aos nossos dirigentes desportivos, para quando tenham de enfrentar selecções regionais do país vizinho.

### RUGBY

## A final do torneio de Lisboa

CHEGADOS em igualdade de pontuação ao termo do campeonato, Belenenses e Benfica foram obrigados a dirimir, num encontro suplementar, a posse do título.

O encontro foi marcado para o campo do Lumiar na tarde do dia 3 e foi presenciado por escassas dezenas de pessoas — e ainda bem que foram poucos os espectadores, porque a partida foi tão aborrecida, tão monótona, tão desprovida de sentido de jogo, que só poderia ter servido para desgostar da modalidade quem a houvesse presenciado e pudesse sapor que «aquilo» era o «rugby».

Trocámos, durante e depois do encontro, impressões com vários amadores do jogo e a opinião colhida foi unânime e concorde com a nossa: o «rugby» de hoje não vale a sombra do «rugby» português de há quinze anos. Qualquer dos grupos de então,

Sporting, Gimnásio ou Benfica, possuía classe e noção construtiva das jogadas que nem de relance passaram na terça-feira pelo terreno onde outrora se disputaram algamas finais famosas.

Em oitenta minutos de jogo houve uma única e fugidia jogada clara e dinâmica; darão alguns segundos, mas deu ao Belenenses o único ensaio marcado e a vitória merecida.

Nam jogo assim é muito difícil fazer critico; confessamos que o espectáculo nos desiludia, pois supúnhamos que qualquer dos grupos — principalmente o Benfica — sabia jogar melhor.

Para a quasi totalidade dos apreciadores presentes, a má qualidade da partida foi consequência do comportamento dos avançados, que guardavam entre si a bola, numa luta confusa e improficua. Este foi, de facto,

(Continua na página 11)

# BASKTEBALL

## BELENENSES

### e VASCO DA GAMA

disputam hoje a «Taça de Honra»

ESTE ano o Conselho Técnico da Federação «viu-se e desejou-se», como é costume dizer. Fartou-se de anular jogos. O Porto ganhou um protesto, o Belenenses outro e o Olivais ainda outro! Só o Vasco da Gama, com bastante mágoa para as suas aspirações, não conseguiu resolver o seu caso — contra o segundo da região.

Mantemos o nosso ponto de vista: a «lei do jogo» não é a «lei do árbitro». Se o árbitro errou — a anulação impõe-se. Se assim não acontece, parece justo e cuidadosamente o assunto, para não se prejudicar seja quem for.

O Vasco da Gama, por exemplo, pela voz do seu presidente, diz que contrariou o prolongamento na final de juniores, contra o Olivais. E que a Federação garantiu: «o jogo deve ter prolongamento». Obedeceram os portuenses. Foram disciplinados — porque «a entidade máxima mandava». Ao fim e ao cabo, anularam-lhe o encontro...

Isto, segundo parece, pelo menos no primeiro lance, tem o seu quê de disparatado. A ser assim — tal como se conta nos jornais do Norte...

Optamos pela anulação em casos de «lei mal observada» pelo árbitro. Mas, se não há prejuízo «especial», como não houve no Vasco-Olivais, — deverá chegar-se ao caso extremo?

Aqui fica a interrogação.

♦ O F. C. do Porto, depois de ganhar o protesto, veio a vencer no jogo repetição, em Coimbra, contra o Sport. Triunfou com 12 pontos de diferença, e o resultado é bonito.

Depois, contra o Vasco da Gama, no Porto, perdeu por 46-34. O jogo foi renhidamente disputado, emocionante, por vezes. Parece que o F. C. Porto possui equipa bem disposta para a luta. Com um ano de trabalho cuidadoso — os azuis e brancos podem aparecer no primeiro plano. E a capital do Norte, pelo seu labor e dedicação, merece que assim aconteça.

♦ A final da «Taça de Honra», entre o Belenenses, campeão de Portugal, e o Vasco da Gama, 2.º classificado, está marcada para hoje, quarta-feira, no campo do Ateneu. Vamos assistir por certo a um belo jogo. Um desafio entre campeões «de facto».

♦ No próximo sábado, dia 14, será disputado no Porto o jogo Vasco-Olivais, para o nacional de juniores. O jogo anulado. Sabe-se que foi emocionante o último encontro, ganho pelos portuenses. E que os rapazes de Coimbra jogam como «gente grande». Assim, poderá aguardar-se uma grande final... e uma grande assistência, como costuma acontecer na capital do Norte.

♦ Para encerramento da época ainda se aguarda um desafio, em Lisboa, entre o F. C. Porto e o Belenenses, para final do «Torneio dos 8», em que foram finalistas os azuis de Belém e da capital do Norte. Disputa-se a «Taça José Donas», nome de um conhecido desportista portuense.

ORGANIZADO pelo Real Clube de Polo, efectua-se em Barcelona o Concurso Hípico Internacional, ao qual concorreram os oficiais que formaram a nossa equipa representativa no Concurso de Madrid.

Embora participando individualmente, isto é, sem a representação oficial da nossa cavalaria, os capitães Correia Barreto, Reimão Nogueira, Gaedes Campos e alferes Henrique Calado continuaram na Catalunha a série de bons êxitos alcançados na mais importante prova hípica da Península, pondo de novo em evidência o seu valor e espírito desportivo, uma vez que as possibilidades de vitória não eram muitas — apesar de algumas se terem conseguido com brilhantismo.

Barcelona tem anualmente um bom Concurso e o deste ano, segundo os jornais espanhóis, não foi inferior aos anteriores, — pelo contrário, teve a valorizá-lo a comparticipação dos nossos internacionais, que se fizeram aplaudir através das provas em que entraram e nas quais se classificaram honrosamente.

A queda, em Madrid, da água «Gaza», originada por um toque violento numa barra fixa, forçou os nossos cavaleiros a levarem a Barcelona apenas nove cavalos, para defrontarem

# OS PORTUGUESES no Concurso de Barcelona

Henrique Calado ganhou a «Prova de Caça»

ali várias dezenas de montadas, em luta desigual.

As actuações dos concaristas portugueses notou-se logo no primeiro dia de provas, durante a disputa da «Diputacion», de inscrição obrigatória a todos os cavalos que tomassem parte no Concurso, o que a tornou bastante difícil. Escassos segundos roubaram-nos o 1.º lugar da classificação, mas o «Raso», já refeito da doença verificada em Madrid, e montado por Gaedes Campos, obteve um honrosíssimo 2.º prémio.

No dia imediato o alferes Henrique Calado, no «Zuari», obteve brilhante vitória na «Prova de Caça», colando-se à frente de todos os concorrentes com um percurso emocionante.

Igual façanha era quasi obtida pelo mesmo conjunto na «Copa Capitán General», mas de novo o factor tempo nos tirou o 1.º lugar. No entanto, o «Zuari» fixou-se no 2.º posto da classificação, logo abaixo de Hector Vasquez.

Na mesma prova, Reimão Nogueira, com o «Congo», e Correia Barreto, com o «Paio» e o «Adail», lograram bons prémios, obtendo este último, na «Prueba Cria Caballar», um magnífico 4.º lugar.

Foi também notável a actuação de todos na «Copa Barcelona», correspondente ao nosso «Grande Prémio». Os quatro cavaleiros portugueses foram premiados — Gaedes Campos (4.º), Correia Barreto (5.º e 12.º), Reimão Nogueira (7.º) e Henrique Calado (10.º).

Os prémios conseguidos em

# DA PISCINA À TELA

John Weissmuller, um nome que todos conhecem

A rivalidade entre americana e japonesa constitua o atractivo principal, para não dizer total, das provas olímpicas de natação pura.

Os representantes da velha Europa, com Paris à frente, não podiam aspirar aos primeiros postos.

A América — que nos Jogos de 1920, por intermédio de Norman Ross e Kahanamoku, havia conquistado classificações brilhantíssimas — procurava ansiosa o homem que quatro anos depois a havia de representar em Paris. E esse homem surgiu. Chamava-se John Weissmuller. Dotado de invulgaes condições físicas, cedo revelou aptidões especiais para a natação, modalidade desportiva que havia de o celebrar.

Quando, em 1921, John Weissmuller correu as 150 jardas em 1 m. 27 s. e 2/5, os próprios americanos se admiraram. Como três anos depois o mundo inteiro se admiraria quando Weissmuller conquistou o título de campeão olímpico dos 100 metros-livres, em 59 s. — «records» olímpico.

Mas não só nas provas de velocidade pura Weissmuller se tornou num homem excepcional. Nos 400 metros, foi campeão, e «recordman» mundial, com 4 m. 54 s. 2/10.

E os «records» caíam uns após outros. Weissmuller apossou-se das marcas mundiais dos 200 metros (2 m. 15 s. 3/5), das 220 jardas, por coincidência no mesmo «tempo», e das 300 jardas (3 m. 15 s. 3/5).

E em 1924 conquistou o mais desejado de todos os «records» — o dos 100 metros, que percorreu no «tempo» fantástico de 57 s. 2/5.

Porém, acima de tudo, o que verdadeiramente o individualizou

e o tornou um «caso» à parte na história da natação mundial, foi o facto de Weissmuller ter «resistido» a duas Olimpíadas.

Campeão olímpico em 1924 em Paris, foi-o também em 1928 em Amsterdão, quando percorreu os 100 metros em 58 s. 3/5.

E o mundo inteiro decorou o seu nome de tal maneira, que hoje ainda, volvidos quasi 20 anos sobre a sua primeira vitória olímpica, Weissmuller é citado e apontado como o fenómeno dos fenómenos.

Depois... a história de sempre. As vitórias e os «records» são muito bonitos, mas o dinheiro ainda mais. E Weissmuller fez-se profissional. Ensinou natação nalgumas Universidades e exhibiu-se, a troco de bons dólares, na quasi totalidade das piscinas da América.

Hollywood, com todas as suas grandezas e com todas as suas misérias, tentou-o também. E tal como havia vencido na natação, venceu também em Hollywood.

Foi ainda, porém, o desporto que o fez triunfar no cinema. Foram as suas invulgaes faculdades físicas que lhe permitiram encarnar a figura de Tarzan, que o mundo igualmente conheceria e admiraria.

E os filmes sucedem-se: «Tarzan, homem-macaco»... «Tarzan e a companheira»... «A fuga de Tarzan»... «Tarzan encontra um filho»...

Hoje, Weissmuller é actor de cinema, pois que, na arte de representar própria mente dita, tem feito consideráveis progressos.

Dê-se o que se quiser, pois, que nasceu sob o signo da celebridade. Só conheceu triunfos, quer nas piscinas, quer nos «écrans» de todo o mundo.



Alferes HENRIQUE CALADO

Barcelona pelos nossos concaristas — 17 na sua totalidade — são honrosos, tanto mais que se trata de um Concurso difícil, o segundo em importância de quantos se disputam em Espanha.

Henrique Calado foi de todos o mais brilhante, conseguindo cinco classificações, com um 1.º, um 2.º e um 5.º prémios, todos obtidos com o «Zuari». Gaedes Campos, menos classificado em Madrid, devido à doença do seu melhor cavalo, conseguiu em Barcelona, além da magnífica classificação na prova «Diputacion», na qual apenas se deixou bater por Garcia Cruz, o 4.º lugar do «Grande Prémio».

Correia Barreto e Reimão Nogueira, desta vez menos brilhantes do que em Madrid, lograram no entanto 8 e 2 prémios, respectivamente, tendo o primeiro classificado os seus três cavalos na prova que iniciou a comparticipação portuguesa.

Fechoa assim, e bem, a lista de classificações obtidas este ano no estrangeiro, lista que attingia 77 prémios, sendo 33 em Madrid, 17 em Barcelona e 26 em Badajoz.

Mantiveram-se os créditos do hípico nacional!

Assine a STADIUM

Stadium



Eduardo Lopes e António Jacinto, a equipa vencedora da «americana»

### NO FESTIVAL DE DOMINGO

A equipa A do D. ILUMINANTE ganhou brilhantemente a «americana» para independentes



Francisco Morgado bate Carlos Paulo na prova de eliminação



campeão senior de velocidade

### OS REGIONAIS DE SENIORES

ficaram concluídos no domingo com as provas disputadas no Lumiar



José Faria, campeão junior de velocidade



2



4

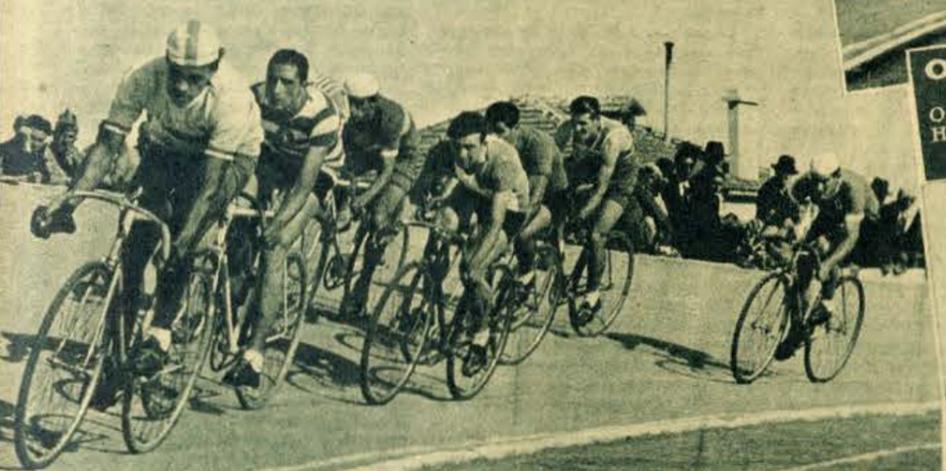
Algumas das equipas do Sporting: 1—A de 4x800 metros; 2—A de 3x100; 3—A de 4x1500. Um grande corredor: 4— João Silva, do Benfica que estabeleceu um novo «record» nacional dos 10.000 metros.



Regina

Fernando Moreira conduziu as 10 voltas para independentes, nas quais venceu

Boa fase da «americana»



A caravana ciclo-turística do Sporting Clube Piedense

### O «DIA DOS RECORDS» NO PORTO

Organizadas pela A. P. A., disputaram-se no domingo as provas do programa do «Dia dos records». Nas gravuras: 1—Herculano Mendes ao obter a melhor marca no martelo na presente época; 2—Montalvão Fernandes batendo o «record» do Norte no salto à vara; 3—Barros venceu destacado nos 1000 metros



### NO ALGÉS E DAFUNDO

efectuou-se no domingo mais um animado festival inter-sócios. As gravuras que publicamos mostram o grupo das gentis nadadoras que concorreram e um magnífico salto, do alto da torre, executado pelo dr. Manuel Martins.



# As últimas provas de pista

Comentários por GIL MOREIRA

No momento em que escrevemos estão concluídos dois festivais de pista, nos quais houve provas de características diferentes e técnica variada. Pode, portanto, avaliar-se já do valor da iniciativa do trio Sporting—Desportivo Iluminante—Lisgás, analisando-a como elemento de propaganda da velocidade e como empreendimento capaz de proporcionar boas lutas desportivas, nos seus aspectos técnicos e espectaculares.

Dois festivais apenas, postos de pé com método e orientados por pessoas que trabalham de boa vontade, serviram para demonstrar que o ambiente entre nós é do melhor para permitir a expansão e desenvolvimento do ciclismo. O público affluía ao Estádio em número que excedeu as melhores expectativas e que aumentará, estamos certos, se continuarem a organizar programas bem elaborados, com provas variadas e compreensíveis para a relativa bagagem técnica de quem vê o ciclismo de pista, por assim dizer, como desporto ainda em embrião.

## Mentalidade que tende a modificar-se

Dois factos ocorreram nestes primeiros festivais, que são dignos de referência. Um, a tendência manifestada pelos espectadores de relegarem para plano secundário a luta de clubes, dando primazia à luta dos atletas, embora estes pertençam à mesma colectividade. Para o público começa a merecer carinho a combatividade dos corredores, o seu brio e espírito de luta—tal como sucede nos grandes centros desportivos, onde a grande maioria das pessoas apenas atende à ideia da competição.

Por seu turno, sentindo-se estimulados pelos aplausos daqueles que ansiam por lutas renhidas, os corredores têm proporcionado as melhores provas de que há memória na pista do Sporting. É que no espírito dos ciclistas também predomina o propósito de combater e de se evidenciarem, não por fúteis vitórias, obtidas com um mínimo de esforço, mas depois de lutas leais, ardorosas e movimentadas.

## Correr atacando

Exemplo frisante deste singular propósito são as corridas feitas na quinta-feira por Eduardo Lopes, —o homem da noite— Aristides Martins, António Jacinto, Manuel Rocha e até Jorge Pereira, Francisco Indício e João Lourenço. Quer na situação de possíveis vencedores, quer perante a perspectiva de uma derrota irremediável, jamais deixaram de tentar a sua sorte enquanto as forças lho permittem.

A par de semelhante combatividade, houve ainda boa dose de intuição e inteligência na conduta das provas, a demonstrar, da parte dos corredores, louvável sabida de nível técnico.

A tática adoptada por Aristides—o melhor sportingista na quarta-feira—de atacar sempre que Lopes terminava os «sprints» e antes que este fosse rendido; a original deliberação tomada por Eduardo Lopes de passar a ser o «rolador», enquanto Jorge Pereira respondia aos «sprints» de Lourenço, deliberação que proporcionaria ao primeiro uma volta de avanço se não houvesse falado; e até mesmo a inteligente prova feita por Lourenço, pedalando em «souplesse», sem forçar, para vencer um inoportuno destalecimento, que o obrigou a ser uma sombra do que vulgarmente é—tudo isso representa melhoria de actuação, só possível quando há de facto sequência de provas antecipadamente ordenadas.

## Os novos a beneficiarem

Como elemento de progresso entre os novos, a acção dos três clubes é de louvar, porque alguns jovens, agora deliberadamente «lançados» na pista, podem constituir vasto viveiro de elementos com valor.

Carlos Quadros, que na última

## XII — O Jogo dos três- Quartos

(Continuação do número 132)

Esta manobra é, às vezes, de excelente resultado, mas não justifica por forma alguma a insistência de alguns jogadores atravessando o campo, de lado a lado, em correria desordenada, colocando em embaraço todos os companheiros que não conseguem compreender-lhes as intenções e acabando em regra por perder improficacemente a bola.

6.º—Perto das balizas contrárias tentar o ponto por pontapé de ressalto («drop-goals»).

Estas são algumas das manobras táticas aplicáveis, mas muitas outras estão ainda ao alcance do três- Quartos centro: ataques cruzados; auxílio ao extremo, vindo colocar-se entre ele e a linha lateral; fintas de pontapé; ataque em força, etc.

O três- Quartos centro, conhecedor do seu papel no campo e na equipa, possui um sem-número de processos de agir, entre os quais a inteligência e o espírito de pronta iniciativa, que lhe são atributos indispensáveis e o ensinam a rapidamente escolher.

A missão do três- Quartos extremo é em princípio mais fácil, resumindo-se na essência a concluir o movimento ofensivo, marcando o ensaio.

Já vimos que, em consequência das combinações entre os médios e os centros, o extremo apenas necessita de decisão e de aproveitar a própria velocidade para desempenho da sua missão directa; são, contudo, frequentes os casos em que a sua situação não é de tão elementar simplicidade, quando, vedando-lhe a passagem, surge um adversário, que em regra é o defesa.

Nestas circunstâncias o seu dever consiste em fazer todo o pos-

sível para que o ataque continue sem interrupção e os meios para passar ele próprio, ou para entregar a bola a um companheiro, giram em volta dos anteriormente indicados, quando tratámos da acção dos três- Quartos centro.

Em todas as circunstâncias nunca deve ser esquecido que os avançados aparecem com frequência a reforçar a linha atacante, podendo beneficiar da recepção da bola em óptimas condições de prosseguir na ofensiva em curso.

## É necessário perseverança

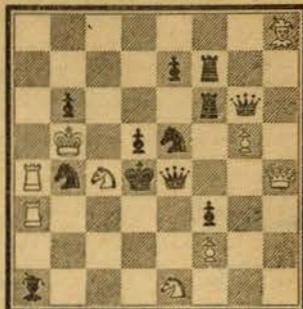
Deve-se à falta destes conhecimentos a mediocre exibição dos homens do Lisgás, que parece sentirem-se na pista demasiadamente sabujados pela presença dos corredores consagrados. É natural a falta de vontade demonstrada por Tavares da Silva e Aristides Paulo—homens que na estrada possuem já valor firmado—e que na pista também devem progredir. Basta trabalharem com perseverança, estudando a actuação dos «esses», para desse estado tirarem os necessários ensinamentos. Nada

(Continua na página seguinte)

# XADREZ

Problema n.º 21

F. ARGUELLES



BARCELONA—Mate em 2 lances

O problema que publicamos versa um interessante tema de semi-pregagem negra, combinado com despregagem, exigido no 5.º Concurso temático da «Sociedad Española de Problemistas de Ajedrez», que conta já elevado número de associados portugueses. Embora a prova seja reservada aos sócios daquele importante centro problemístico da Península, convidamos os nossos leitores interessados a enviarem-nos as suas possíveis tentativas, pois mais tarde poderão ser apreciadas em confronto com os resultados do concurso.

## RUGBY

# Vamos aprender como se joga?

Notas técnicas por SALAZAR CARREIRA

sível para que o ataque continue sem interrupção e os meios para passar ele próprio, ou para entregar a bola a um companheiro, giram em volta dos anteriormente indicados, quando tratámos da acção dos três- Quartos centro.

Em todas as circunstâncias nunca deve ser esquecido que os avançados aparecem com frequência a reforçar a linha atacante, podendo beneficiar da recepção da bola em óptimas condições de prosseguir na ofensiva em curso.

## XII — O papel do defesa e a colaboração dos três- Quartos

Conhecedores dos meios de que dispõem para triunfar na sua missão essencial de atacantes, os três- Quartos resumirão a sua tarefa defensiva a impedir que os adversários conquistem por esses mesmos meios qualquer vantagem para a sua equipa.

A disposição geral da linha que defende deve corresponder exactamente à linha atacante fronteira, sem fantasias perigosas. Cada três- Quartos colocar-se-á em frente do adversário directo e aproximar-se-á dele logo que o médio o previna de que a bola foi perdida na luta entre os avançados. Este movimento de avanço antecipado da linha é da máxima importância e executa-se em conjunto, por forma a reduzir o terreno livre à ofensiva contrária logo ao esboçar-se.

Resta falar do defesa, último reduto da equipa, cujo papel se pode resumir no seguinte: ser

capaz de deter com segurança o adversário em plena corrida, parar um «dribling» por mais severamente que venha conduzido, agarrar directamente e em qualquer posição a bola que venha pelo ar, dar pontapés compridos e precisos com qualquer dos pés e ser rápido bastante para atalhar a corrida do adversário que procura fugir-lhe por um largo rodeio.

O treino pode dar a qualquer jogador todas estas qualidades e alguns jogos incutir-lhe-ão o necessário sangue-frio para que considere com calma todas as peripécias do jogo e avalie qual o lugar em que a sua presença mais útil pode ser à equipa. É mesmo esta a única tática que o guiará no desempenho do seu papel.

Ao defesa, mais do que a qualquer outro jogador, é perigosa a fantasia na maneira de agir; quando recebe a bola em condições desafiadas e a pressão se exerce sobre o campo contrário, admite-se que por iniciativa própria tente lançar em acção os seus três- Quartos; mas quando as operações se desenrolam no seu próprio campo, por conseguinte em manobras defensivas, apenas lhe é permitido o emprêgo do pontapé à linha; o mais longo possível, mas de forma que a bola saia seguramente do rectângulo do jogo. O contrário equivaleria a entregá-la ao adversário em posição crítica, pois todos os seus companheiros se encontram deslocados.

(Continua)

## TERMINARAM OS REGIONAIS com mais um triunfo para o Sporting

**A**S provas que tinham ficado de reserva para domingo passado e com as quais concluiu o programa dos campeonatos regionais, não tiveram vibração, embora os corredores dessem generosamente o melhor do seu esforço e a tarde ficasse assinalada por uma proeza histórica e que de há anos esperávamos: o novo «record» dos 10.000 metros, estabelecido pela máquina perfeitíssima que se chama João Silva.

O interesse das cinco estafetas e da corrida disputadas fraquejou pela falta de luta, porque—à parte a prova de 3 X 100 metros—o vencedor desenhou-se desde as primeiras passadas, sem adversário que o inquietasse. No entanto, os tempos registados rondaram as imediações dos mínimos nacionais.

O «record» dos 4 X 200 metros foi aproximado de dois décimos, apesar da falta de Camões (que não pôde correr porque participou de manhã num encontro de volley) no quarteto sportinguista; o principiante Manuel Mendes equilibrou-se com Ferreira e os seus sucessores, Lourenço, Artur Dias e Núncio, distanciaram-se progressivamente dos competidores, entre os quais Matos Fernandes foi quem melhor nos impressionou.

A equipa sportinguista dos 4 X 800 metros ficou bastante à quem do que esperávamos, pois falharam os seus dois melhores homens, Vicente e Bastos, que gastaram nos seus percursos respectivamente 2 m. 8 s. e 2 m. 5 s.; os tempos de Humberto Bastos e João Jacinto foram 2 m. 9 s. e 2 m. 6.5., merecendo considerar-se este último como o que melhor se comportou, nos limites das possibilidades de cada um.

Na corrida de 4 X 1500 metros faltaram os especialistas—Francisco Bastos, João Silva, Pires de Almeida, Oliveira e Silva, Jaime Martins, Manuel Nogueira—e o

melhor percurso foi o de Afonso Marques, com 4 m. 24 s.; o Sporting venceu com uma equipa de recurso, onde o veterano Aníbal Rodrigues e o dedicado peão Jacinto cobriram as vagas dos titulares caprichosos.

Finalmente, o terceto feminino dos «leões», que correu sem adversário, ficou a um décimo da marca nacional; as passagens de teste-munho custaram com certeza mais tempo do que esta mínima diferença.

A prova de João Silva nos 10.000 metros, em tarde ventosa e batalhando, sem réplica na pista, com enérgica vontade, contra o invisível adversário tempo, fica em relevo no historial do atletismo português.

O êxito colectivo do Sporting foi impressionante: nas provas masculinas 212 pontos e 14 títulos, contra 145 pontos e 6 títulos do Benfica; no torneio feminino, 74 pontos e 6 títulos, contra 44 pontos e 2 títulos do Belenenses. Desde o início da temporada de pista, os sportinguistas ganharam já 48 títulos oficiais, Benfica 16, Internacional 9, Belenenses 7, Casa Pia e Almadense 1.

### SALAZAR CARREIRA

#### Ainda as provas disputadas na pista das Salésias

Acêrcia da não comparência dos seus atletas nas provas disputadas no penúltimo domingo na pista das Salésias, à qual fizemos referência, esclarece-nos o sr. Felix Bermudes, ilustre presidente do Sport Lisboa e Benfica, «que nenhum pedido, convocação ou convite foi recebido, em devido tempo, pela Direcção do clube, para ali enviar os seus representantes».

Fica assim esclarecido o motivo que deu ao não concurso dos benfiquenses nas referidas competições.

tôdas as provas agradaram, mesmo aquelas que pelas suas características pouco movimentadas, como sejam as eliminatórias de velocidade, não eram de molde a despertar grande interesse.

José Féria ganhou com merecimento o campeonato regional de velocidade, na derradeira luta com Flávio Rodrigues, simpático representante do Benfica, que se defendeu briosamente do possante sportinguista; Carlos Quadros, do Apolo, vencendo Hernani Ribeiro, que cometeu a feia acção de desertar, sem luta, na segunda mão da final, conquistou com justiça o título de campeão de seniores; e Francisco Morgado saiu-se airoso na corrida de eliminação, na qual venceu José Miguel Inácio.

Embora pouco movimentada no conjunto, a prova individual de 30 voltas proporcionou uma bonita vitória ao portense Jorge Moreira, a correr com inteligência e saber, seguindo-se na classificação José Ferreira,

## Os campeonatos de Lisboa de segundas e terceiras categorias na modalidade do quadro 45/2

**C**ONCLUÍDOS os campeonatos de Lisboa, em «partida livre», a A. L. A. B. deu começo aos campeonatos na modalidade do quadro de 45 a 2 golpes, os quais reñiram, na inscrição, cerca de 40 bilharistas. Os encontros do torneio de segundas realizam-se todos no bilhar grande daquela Associação (Jardim-cinema). A média geral internacional, nesta especialidade do jogo, vai de 7 a 12 carambolas. Não é a quadra transcorrente a mais própria para provas bilharísticas. O calor excessivo deprime, e, ao contrário do que parece, o bilhar é sófrego de energias.

Damos, a seguir, os resultados técnicos das partidas já realizadas, com os breves comentários que consente o espaço disponível.

*Dr. Lourenço Gago:* 300-48-6, 25 e 38; *Raul Vidal:* 229-48-4, 770 e 27. Nenhum dos jogadores atingiu a média internacional. O primeiro acusou, para o fim, certo cansaço, e o segundo actuava pela primeira vez no «quadro pequeno».

*Salvador Azancot:* 300-34-8, 823 e 29; *David Reis e Sousa:* 150-34-4, 411 e 50. O vencedor alcançou média confirmativa da categoria, distinguindo-se pela regularidade, transparente no grande número de tacadas entre 20 e 30 carambolas que registou ao longo da exibição. Todavia, o desnível de rendimento é a característica d'este bilharista de excepcionais qualidades. David Reis e Sousa assinalou a sua actuação com uma série de 50 carambolas, até agora só ultrapassada pelo Dr. L. Gago.

*Dr. Francisco Branquinho:* 300-32-9, 375 e 42; *Flávio de Carvalho:* 153-32-4, 781 e 25. O primeiro obteve a melhor média particular alcançada até à presente altura e uma série de 42 carambolas que vale, já, como indicação de boas faculdades para a especialidade. O jogador pode, no entanto, fazer muito mais e por certo o virá a fazer. O vencido joga pela primeira vez o «quadro» e tem pouca experiência da «mesa grande». Estes dois factos não podiam deixar de influir no seu rendimento, mas a verdade é que revelou óptimas qualidades para o bilhar *match*.

*Alfredo Alinho:* 300-48-6, 250 e 44; *David Reis e Sousa:* 195-48-4, 062 e 24. O vencedor, campeão da «partida livre» e qualificado como jogador da 1.ª categoria,

Dias Santos e Guilherme Jacinto.

Por d'itmo verificou-se uma nítida e brilhante vitória de Eduardo Lopes—A. Jacinto, na corrida «americana», na qual sobressaia a intuição dos representantes do Desportivo «Luminante», que se impuseram ao duo sportinguista Moarão—Inácio e Lourenço—Bristides, este em dia de inferior inspiração e fraco poder.

Lopes ganhou todos os «sprints», embora o jári, numa decisão infeliz, desse a vitória a Lourenço no segundo. Simpática a atitude de Lourenço, apresentando desculpas a Lopes pelo seu toque involuntário na segunda embalagem.

realizou partida desproporcionada aos seus grandes méritos no jogo livre, ficando-se à quem do valor mínimo da média internacional. David Reis e Sousa deu réplica modesta, mas, em todo o caso, ficou apenas a 5 carambolas das 200.

*Alfredo Alinho:* 300-42-7, 142 e 43; *Azancot:* 168-42-4 e 17. Alinho melhorou neste encontro, como era de prever, e a média internacional foi alcançada, embora com significado restrito, visto tratar-se de uma só partida. Azancot teve actuação muito à quem das suas possibilidades.

*Dr. Lourenço Gago:* 300-49-6, 122 e 96; *Fábio de Carvalho:* 171-49-3, 489 e 34. O vencedor, tendo registado média fraca, marcou esta sua exibição com uma série de 96 carambolas, que provável é que venha a fixar-se como «tácada-record» do torneio, traduzindo um êxito pessoal de excepcional relevo. 96 ao quadro, em 2.ª, reveste-se já do carácter de performance.

O torneio prossegue no meio de entusiasmo crescente.

## Rugby

(Continuação da página 6)

aspecto das operações, mas nêle influíram dois outros factores, que não são exclusivamente da responsabilidade dos avançados: a teimosia no pontapé à linha (Martins Vieira foi quem mais tipicamente insistia em tal erro) e o sistema de só abrir jogo para o lado lechado.

A apreciação do encontro, precisamente porque foi ma, daria pano para mangas; falta-nos espaço para longos e completos comentários, mas não queremos deixar de assinalar quatro defeitos fundamentais, que nos parecem de maior importância:

1.º—Os três-quartos esperam o passe da bola parados e, quando a têm em seu poder, largam-na tarde e ao acaso.

2.º—Os jogadores que dão pontapés para diante ficam parados, o que coloca em deslocação todos os companheiros à sua frente; um pontapé que não seja seguido por quem o deu é um brinde ao adversário.

3.º—Os jogadores agarrados pelo adversário ignoram que a lei os obriga a largarem imediatamente a bola. Daqui confusões indelitas e perigosas.

4.º—«Driblar» a bola de «rugby» não equivale a dar-lhe fortes pontapés para diante e os «driblings» eficazes são feitos em grupo, nunca individualmente.

Para não concluirmos sem uma referência favorável, digamos, para terminar, que ambas as equipas se houveram com correção e desportivismo.

ESSECÊ

## ATENÇÃO!

BREVEMENTE: Separata com fotografia a cores do «onze» do SPORTING, vencedor da TAÇA

Stadium

## Festivais de Ciclismo

(Continuação da página anterior)

de desanimos, só próprios dos atletas sem classe...

#### Uma equipa com valor

Excelente a exibição dos portuenses Jorge Moreira e Dias Santos nas «americanas» de quarta-feira. Quer a responder aos ataques de Eduardo Lopes—que fez decerto entre nós a sua melhor corrida,—quer tentando, na última meia hora, adiantar-se aos adversários, Jorge Moreira mostrou-se um corredor voluntarioso, de saber e de técnica apurada.

#### Brilhante vitória de Lopes— —A. Jacinto na americana de domingo

O festival de domingo, que englobou provas de atletismo e ciclismo, embora um pouco extenso não desmereceu em valor desportivo e interesse das anteriores organizações. No que diz respeito à parte velocipédica,

**OS PUGILISTAS  
VALENCIANOS  
DESCERAM À ARENA  
E ABALARAM  
OS CRÉDITOS  
DE MANOLETE...**

**O**s pugilistas valencianos, suspensa temporariamente a sua actividade profissional por via de dificuldades que não cabe explicar aqui, resolveram pôr à prova as suas qualidades tauromáquicas, e também as filantrópicas, e desceram à formosa arena da Praça de Valência, na qual foram «estrelas» de um festival taurino de beneficência que atrahiu milhares de pessoas ao vasto recinto.

O acontecimento é menos inusitado do que pode parecer à primeira vista. Em Espanha, o espectáculo taurino está fortemente enraizado no conceito das multidões e oficialmente é considerado como a festa nacional por excelência. Não é para admirar, portanto, que os profissionais de outros espectáculos vistam uma vez por outra o «traje de lúces» e desçam à arena tentando emular as prodigiosas façanhas de Rafael «el Gallo». O público nunca regateia os seus aplausos aos improvisados toureiros, e alguns d'elles, como por exemplo o actor de cinema António Casal, o futebolista Jacinto Quincecos e o boxeur Inácio Ara, têm já demonstrado exceptionais condições para a prática da tauromaquia.

Também se dá o inverso. As vezes, são os toureiros que jogam o futebol, em partidas ás quais sobra em entusiasmo o que carece de técnica, e que, inclusive, se atrevem a ir luz e as suas aptidões cinematográficas em qualquer filme para cujo elenco houvessem sido convidados. E salientem-se, diga-se em abono de verdade. Gitanillo de Triana, que conhecemos em Lisboa, chegou a ser convidado para ingressar na turma profissional do Saragoça. Era um tenível, veloz atirador e hábil dominador do esférico. Confessou, porém, que jogava o futebol por puro dilettantismo e que recusava o convite que o clube saragoçano lhe dirigira por estar firmemente resolvido a não abandonar a tauromaquia.

Manolete por seu turno, denunciou grandes qualidades para o cinema num filme de Abel Gance, que não chegou a ser concluído, mas cuja rodagem deve prosseguir logo que se inicie o defaço taurino, no próximo inverno. E em cinema se têm distinguido também os futebolistas Quincecos, Zamora e Gerostiza, sobretudo o primeiro, bem como o famoso toureiro Del Poz, que abandonou a tauromaquia para se dedicar exclusivamente à Arte das Imagens.

Semelhante attitude, porém, não deve ser imitada por nenhum dos



Os «boxeurs» também sabem fazer «spgas», quasi tão boas como as dos nossos melhores mãos de torreado. Nesta caso, porém, a «spga» foi facilitada pelo estado de rancor que se apouara do infeliz novilho... Garcia Alvarez e Ben Buckler seguraram as hastas do bicho, enquanto Beltrán se pendura à cauda



Garcia Alvarez, de olhos vendados, entra a «matar», perante a espectativa de Ben Buckler, Mediano e Freyre de Andrade



O «arrastre» final, de que são protagonistas Garcia Alvarez, Mediano e Fabián del Valle, delegado em Valência da Federação Espanhola da Boxe



Os chorões da grande novilhada. Da esquerda para a direita estão dois profissionais tauromáquicos, o meio pesado Mediano, Garcia Alvarez, Liácer, Fabián del Valle (em primeiro plano, de óculos escuros), Freyre de Andrade, conhecido actor cómico do cinema espanhol, Folgado, Ben Buckler, Beltrán e Martínez Fort, conhecido preparador de pugilistas

«boxeurs» valencianos que tomaram parte no festival a que aludimos nas primeiras linhas desta crónica. Preferem os duros incidentes do «ringe» aos perigos da tauromaquia ou aos focos luminosos dos estádios...

Como variante, porém, se firm à arena valenciana para lidar alguns formosos garralos amavelmente cedidos por um famoso ganadeiro das margens do Túria. Garcia Alvarez, Liácer, Folgado, Beltrán (não confundir com o «boxeur» galego do mesmo nome que conquistou há pouco o título espanh l dos leves), o marroquino Ben Buckler e o meio pesado Mediano, foram os espadas sen plaza, tendo por acesores Fabián del Valle, delegado em Valência da Federação de Boxe Espanhola, Freyre de Andrade, popular actor cómico cinematográfico, e Martínez Fort, o mais prolifero e competente preparador de pugilistas com que conta actualmente o país vizinho.

O festival foi animadíssimo. O público não se cansou de rir com as animadas peripécias a que deu origem a acidentada lide. Houve colhidas espectaculosas a par de emocionantes «passes naturais» e de formidáveis «monoletinas» executadas pelo maravilhoso Garcia Alvarez.

Foi suprimida a pena de morte, com o que, por certo, mu to se congratularam os inocentes garralos... O clássico «arrastre» final era feito pelos próprios lidadores, que transportavam os bichos vivos, sustentando-os pelas orelhas, pelas pernas, pela cauda — e até pelas hastas!

O melhor episódio da tarde ocorreu quando a seguir a um garraio manso e deminuto, saiu dos currais uma «catedral» imponente, forte de armas e de temperamento assás indómito. Os improvisados toureiros, tomados de pânico recolheram imediatamente à protecção dos «burladeros» — e de lá «contemplaram» com angústia as evoluções impressionantes que o nervoso bicho fazia à volta da arena... O momento era grave. Ninguém se atrevia a expôr o santo corpinho às arremetidas do diabólico garraio!

Por fim, Liácer resolveu salvar a honra dos pugilistas valencianos e saiu heróicamente do seu «burladero». Os companheiros encomendaram-lhe a alma ao Criador e taparam os olhos com as mãos, dispostos a não ver tão valoroso pugilista morrer assás ingloriamente... Uma gigantesca ovação, porém, obrigou-os a mirar o redondel. Liácer estava diante do touro, soberbo e audaz, dominando-o com a siltivez da sua valentia e com a cóz estonteante da capa que agitava nas mãos! Parecia estar de posse de de uma grande serenidade, como se à sua frente, em vez de um terrível inimigo, estivesse apenas apenas um inofensivo... gato. Alvarez e os outros, a partir d'esse momento, passaram a dedicar a Liácer aquella admiração respeitosa que só os heróis suscitam...

... À noite, no jantar de confraternização oferecido pelos promotores do festival, o valoroso pugilista de Gráu confessou honestamente que jámais, em toda a sua vida, havia experimentado tanto medo como o que curria nessa tarde!

ARMINDO BLANCO

# A SEMANA de GIMNASTICA de F.N.A.T.



Alguns instantâneos colhidos durante a «Semana de Gimnástica» da F. N. A. T.: 1 — Classe feminina dos Armazens do Chiado, do professor Capitão Domingues; 2 — Classe masculina dos mesmos Armazens, do professor Aníbal Ramos; 3 — Classe feminina da Favorita, professora D. Maria de Lourdes Tainha; 4 — Magnífico aspecto das danças pela classe feminina da fábrica M. Carp. da professora D. Adelaide Sebastião; 5 — Classe masculina da delegação da F. N. A. T. no Pôrto, do professor Délio Tamegão; 6 — Outro aspecto da classe da Favorita; 7 — Exercícios com bolas por uma classe feminina da delegação do Pôrto, da professora D. Margarida Tamegão



## HANDBALL

Considerações à volta do campeonato de reservas

EMBORA sob carácter ligeiro já pela tardia organização da prova, já pelo relativo interesse dos clubes (basta lembrar que da 1.ª Divisão desistiram Selgueiros, Boavista, Pôrto e Sport e a 2.ª Divisão virtualmente não teve jogos), o último «match» do torneio de reservas teve foros de grande acontecimento «handballístico».

Por não se efectuarem outros encontros nesse dia, a final ganhou vulto — e pode dizer-se, mesmo, que foi o jogo mais emocionante dos que se têm realizado, nesta categoria desde há épocas.

Venceu o Vigorosa, mas o Académico, representante da outra série, que não se apresentava com o mesmo favoritismo, mostrou possuir uma boa equipa, digna adversária do «conze» campeão.

Enquanto o 1.º grupo foi perseguido pela pouca fortuna durante os campeonatos regional e nacional, ainda que em campo demonstrasse categoria técnica que justificava o primeiro lugar, o «team» de reservas do Vigorosa foi bafejado no jogo decisivo pela felicidade, quando, em face da acção dos dois finalistas, os rapazes do Lima demonstraram direito à vitória.

As desilensões do F. C. do Pôrto — um dos favoritos — que, caminhava ao lado do vencedor da «série», e do Sport, não obstante prejudicarem o interesse do torneio, têm significado especial: deram-se para evitar o prolongamento da prova que, praticamente, já não poderia ser concluída esta época. Teve-se, até, de recorrer aos jogos durante a semana, com um espaço de tempo mínimo.

A experiência de outros anos, confirmada ainda nesta época, aconselha que o torneio de reservas preceda o campeonato regional de 1.ª categoria.

Normalmente, a prova maior de associação regional começa por alluras do Natal e a de reservas só após a realização da primeira.

Por que há-de a A. H. P. manter-se inactiva desde o Outono, se podia aproveitar esses dois meses com a realização da prova?

Os clubes, por sua vez, teriam oportunidade de estudar os elementos que melhor pudessem depois actuar na 1.ª categoria. Naturalmente, ter-se-ia de determinar que desse torneio não fizessem parte jogadores que na época anterior se exibissem em 1.ª categoria, para evitar o monopólio de títulos — a não ser, logicamente, que a tais jogadores fosse proibida a inclusão, de novo, em grupos de honra, durante a mesma época.

Deixamos o alvitre ao estudo de associação portuense e dos clubes interessados.

Uma referência eloquente: no jogo final, os «reservistas» Santiago (Académico), Nasciso e Garcia (Vigorosa), que foram os melhores elementos em campo, alinharam, esta época, também em 1.ª categoria.

LUÍS MARCOLINO

## DESCEU O PANO...

Encerrou-se a época de futebol.

Os clubes portuenses ainda deste vez não conseguiram alcançar, nos torneios oficiais, a posição a que o seu valor técnico lhes dá direito. Opuseram-se circunstâncias várias, entre as quais é conveniente apontar a sua deficiente preparação, a par de outros senões.

O F. C. do Pôrto, mercê de nova orientação, deu-nos um fecho de época que deixou a boca doce aos seus admiradores — o triunfo claro e nítido sobre o Real de Madrid. Foi das poucas vezes — se não a única — em que vimos o clube campeão nortenho agir e actuar no terreno como «grande senhor», sabendo o que queria, cónscio do seu valor e poderio.

Continuamos com infelicidade o «segundo» representante portuense na prova máxima — o Campeonato Nacional, — pois o Pôrto não conseguiu ainda apresentar um «sub-leader» que pudesse emparceirar, com favoritismo da crítica, com o grupo «azul-branco». Além do F. C. do Pôrto, todos os clubes portuenses da 1.ª divisão passaram pelo 2.º posto, e, embora um ou outro tivesse feito escorregar no seu campo alguns dos mais poderosos da capital, o certo é que nenhum conseguiu ainda o almejado conjunto e preparação que lhe permitisse sair-se da contenda de bandeira ao alto.

Tem havido infelicidade, é certo, mas também não é menos verdade que lhes tem faltado o contacto com grupos da sua região, que lhes desse a presteza e resistência indispensáveis para agüentarem os grandes desafios.

Anos após anos, a esperança acompanha-nos no filo de poderemos observar uma subida de forma dos nossos grupos. No dealbar da época, aguardamos com ansiedade a apresentação dos conjuntos, a ver se as «novidades» prometem... Em todas as épocas assistimos ao desabar de «castelos de cartas»... Ilusões que se desfazem ao menor sopro de uma aragem contrária...

Progressos? Não o julgamos. O nosso futebol continua morno, insípido, sem qualquer coisa que realce, que chame a atenção do público. Este vai, porque se habituou; «viciou-se» — e está tudo dito...

Um parêntesis: a subida registada nos valores da 3.ª divisão. Aqui, sim. Se bem que o futebol praticado não seja de grande relevo, o certo é que, com equilíbrio mais ou menos harmonioso, nasceu um campeonato que foi rijamente disputado. O Ermesinde, que tinha escandido na época anterior à 3.ª divisão, subiu à superior, depois de 3 jogos para decidir a contenda — e que venceram por um campeonato.

Mais um intervalo — e nova época surgirá.

Que nos reservará essa nova época?

PORTUENSES.  
ASSINEM A «STADIUM»

## INSISTINDO...

A cidade do Pôrto não pode ser esquecida. A campanha principia, no coração do seu público, primeiro; a seguir, nos jornais. Na última semana, o nosso camarada Mário Afonso ventiloou assunto oportuno — por ver que a cidade capital do Norte ficava na mesma situação de Braga e de Setúbal. Isto em presença de projectos em esboço nos sectores extra-oficiais... Sem ferir possíveis interesses — é assim.

A questão estende-se. Sabe-se que haverá breve uma reunião nas esferas dirigentes do futebol português, a fim de se escolherem futuros orientadores. Será oportuno informar que a capital do Norte, por mal dos seus pecados, não conseguia ver-se representada nos últimos anos. As suas aspirações podem não ter sido desprezadas. Mas... — será justo que nem uma voz amiga se levante para defender um ou outro problema local?

Não deve ter faltado, na Federação de futebol — bom senso, imparcialidade e competência, quando em presença de casos de importância para o Pôrto. Todavia, o público «não acredita». E «protesta» — sem resaltado...

Acreditem que não nos move o desejo de dizer mal de A ou de B, e nem isso é função de quem escreve. Abordamos apenas um problema, simples à primeira vista, mas de solução argente. Não se queira estragar o que está feito. Não se procure irritar um público e um passado digno de consideração.

Antigamente, o Pôrto possuía dois representantes na Federação e um no Conselho Técnico. Não era favor — parece. Depois — passou a ter um. No Conselho Técnico não se sabe se era representado... Agora, nem uma coisa nem outra. Será isto justo?

Aos clubes e aos atletas portuenses não faltou ainda brio, exemplar dedicação. No futebol, no «handball», no «tennis» de mesa, no «basket», no «hockey», em muitas outras modalidades, tem-se reparado por certo no seu trabalho. Todavia, isso não basta. Deve ser necessário mais e muito mais, para satisfação de uma cidade que procura progredir — à casta dos seus recursos naturais e da sua permanente boa vontade!

## Mosaicos nortenhos...

A equipa de «ping-pong» do Académico, finalista do campeonato nacional, perdeu com o Benfica, em Lisboa, por 5-3. Mas o «team» portuense deu boa conta de si, tanto mais que, no 4.º jogo, poderia ter garantido a vitória, com um pouco de sorte, ilação a tirar: a cidade do Pôrto, afinal, pesa bastante no xadrez desportivo. Nunca poderá esquecer-se esta verdade...

Há jogadores de futebol que procuram sair do Pôrto para Lisboa. Ou do Norte para o Sul. Mas isso não será fácil. Há uma lei, rígida, — e só os casos bem justificados podem dominar. Um aviso aos que desejam mudar de ambiente...

Apareceu nos jornais uma notícia: — a de que Manuel dos Anjos, o simpático «Pocas», vai reaparecer na próxima época.

O caso merece a referência. Anjos, «internacional» contra a Es-

panha, em Bilbao, é um jogador brioso, amigo dedicado da camisola. Dá-se ao jogo com vontade e desportivismo, com espírito de sacrifício. Por isso, a sua reentrada deve festejar-se. Anjos não é velho. E também não alinha no grupo dos jogadores desinteressados e infelizes...

O F. C. do Pôrto vai prestar homenagem, segundo consta, ao 7.º campeão nacional de «handball». Justíssimo. Por sua vez, a Federação Portuguesa entregará-lhe a medalha comemorativa, bem como distintivos aos jogadores campeões. Foi já indicado, para entregar estes troféus, em nome da entidade máxima, o vice-presidente da Direcção, Rodrigues Teles.

Vão ser alterados os estatutos e regulamentos da Federação Portuguesa de Handball. Dêse trabalho se encarregou o vice-presidente da Direcção. Els uma notícia que interessa ao Pôrto — cidade

## GIMNASTAS DO SPORT CLUBE



A directora e a professora das classes femininas do Sport Clube do Pôrto com as suas almas, após a distribuição de prémios efectuada há dias

onde a modalidade possui admiráveis adeptos.

♦ **Sampaio** Peixoto, valoroso atleta do Académico, igualou o *record* nacional dos 200 metros planos. Grande atleta nos parece que é Sampaio Peixoto! Bater o *record* de Gentil dos Santos, um *record* que está merecendo investigações pela parte dos técnicos (Hélio Ribeiro, do Sporting C. P., que o diga), é uma proeza digna de anotação especial. Afirma-se que Gentil correu menos uns metros. No Pórtio — isso é certo e sabido; em Lisboa — também se conhece o assunto, e de ponta a ponta!

## De oito em oito dias

**Os juniores no campeonato nacional de «basket»**

O Campeonato nacional de juniores de «basketball» ofereceu-nos há dias um encontro movimentado entre vascaínos e o valeroso conjunto dos Olivais, de Coimbra.

O Vasco conseguiu ganhar o encontro por 45-42.

Para que se obtivesse resultado positivo, recorreu-se ao prolongamento. Em consequência disso, o Olivais protestou, fundamentando o protesto na determinação regulamentar que não permite alongamentos em jogos desta categoria.

A F. P. B., por intermédio do seu Conselho Técnico, resolveu anular o jogo. O caso, entretanto, merece alguns comentários.

Ao encontro assistiram duas entidades com responsabilidades definidas: o inspetor dr. Azeite Boto e o delegado da Direcção Geral no Pórtio, Mério de Carvalho.

O prolongamento ter-se-ia realizado por acordo e anuência das entidades presentes. Mas ocorre fazer três perguntas, pois não vimos ainda referência alguma ao seu conteúdo: foi consultado o Olivais? o pedido partiu da parte do Vasco da Gema sem a aquiescência do adversário? podem as entidades oficiais acima referidas alterar uma disposição regulamentar?

Uma declaração prévia: a de que não nos move outro intuito que não seja esclarecer ou procurar compreender a questão. É que, à primeira vista, o caso apresenta-se enigmático. Se houve prolongamento, é porque tal podia fazer-se. Parece — deve ter sido isso pelo menos a boa lógica — que, em face de dúvida, o adversário deveria ser consultado. Foi-o ou não? Em caso afirmativo, consentiu ele no prolongamento?

Há, aqui, portanto, duas questões distintas: a primeira, a que se refere ao prolongamento legal ou ilegal do encontro; a segunda à observância do princípio desportivo de consulta prévia ao contendor, uma vez que os regulamentos definiam a orientação a seguir.

**Quando começam as provas de natacão?**

Alé agora ainda não vimos qualquer comunicado oficial do organismo competente sobre as provas regionais de natacão, da época em curso.

Este silêncio impressiona. Levamos a crer que, como na época finda, passará sem que possamos ver os nossos nadadores em provas de rio, o que bastante prejudica o desenvolvimento deste desporto.

Suportamos que está já empos-

# Stadium na província

## O esforço do Sangalhos

**D**IA a dia, semana a semana, oferece-nos a província exemplos de boa aplicação desportiva. Prova-nos, até, que nem só o futebol vive dentro dos programas ou nos estatutos dos seus modestos clubes.

Ainda no último número nos referimos à excelente actividade de um clube de remo — o S. C. Caminhense. Hoje, cabe a vez a um agrupamento que se dedica especialmente ao ciclismo, «basket» e «tennis» de mesa — o Desportivo de Sangalhos. O simpático clube, que por certo pode contar com a amizade sólida dos seus associados, conseguiu este ano classificar-se em 1.º lugar no campeonato avariense de «basket»; e no ciclismo, como por todos é sabido — pertencem-lhe triunfos admiráveis.

O Sangalhos não se limita a comparecer nas provas organizadas fora do seu ambiente. Também promove corridas, jogos de «tennis» de mesa e de «basket». Os melhores atletas do norte do País, especialmente, têm-se exibido na Anadia, no seu sector de influência, devido ao esforço admirável do simpático clube bairradino.

Um exemplo? Possivelmente. Para já — uma indicação de que a província também trabalha. É preciso olhar pelos seus interesses. A nossa revista aguarda indicações nesse sentido, e é fora de dúvida que a todos os casos procurará dedicar a melhor atenção.

E vamos a imitar, tanto quanto possível, os propósitos do Caminhense e do Sangalhos. A bem do desporto e da expansão provincial — sempre útil, honesta e dedicada!

## Que se passa em Viseu?

**N**O distrito de Viseu, a bem dizer, não se pratica o desporto em larga escala. Só determinada modalidade interessa: o futebol. Mas, por A mais B — este futebol sofre tratamentos de polé em todo o distrito da Beira Alta. Motivos?

Há tempos tivemos conhecimento que para arbitrar um jogo em Tondela se deslocavam de Viseu, de automóvel, as seguintes personagens: um árbitro, dois juizes de linha e... um ou dois directores! Isto quando existe combóio, com horário mais ou menos adequado, e 29 quilómetros de trajecto... Claro que se verificou o seguinte: a despesa da «comitiva» andou por 350\$00. E o jogo rendeu 200\$00!

Como pode uma simpática vila, alegre e desportiva como Tondela, suportar estes encargos? Chamamos para o caso a atenção da Comissão Central de Arbitros, e especialmente de Jorge Vieira, que esteve em Viseu e conhece por certo estas *pequenas coisas*...

Mas, além do facto que se aponta agora, outros embaraçam o movimento desportivo beirão. Um caso: depois do campeonato nacional da 2.ª Divisão, principiou a disputar-se em Viseu a «Taça João Cabral». Ficou esclarecido que podiam tomar parte no torneio todos os jogadores inscritos em 1.ª, reservas e juniores — e mais 3 jogadores de outros clubes! Os seus nomes foram indicados numa reunião preparatória. O Académico, entretanto, alinhinou um jogador do Boavista, do Pórtio, que não havia inscrito. E a prova parou, por protesto do S. L. Viseu. Depois, visto que foi prejudicado em certo desafio, contra o Académico visense, o Tondela protes-

tou outro jogo, com fundamentada razão. A A. F. Viseu, em resposta, resolveu anular o torneio, fazendo-o repetir... Por fim, após muitos incidentes, a mesma entidade informava que os jogos tiveram apenas carácter particular...

Não será isto motivo de sobra para se ver, de uma vez para sempre, o que se passa no distrito de Viseu! E' um dos poucos distritos que não progride. Desanimam vários grupos concelhios. Porquê? Tem a palavra a Federação Portuguesa de Futebol. E as entidades oficiais.

Não é este o primeiro incidente. E não será o último, por certo. Os clubes que não possuem «candeia acesa» vêm-se aflitos para cumprir com as suas obrigações. Tondela já desistiu, durante anos; Mortágua, nada quer — definitivamente; Campo de Besteiros — na mesma; Santa Comba Dão pouco se interessa, por saber destas coisas; Vouzela, Lamego (não pertencerá ao distrito?) e outros centros também se dedicam apenas ao futebol particular, sem tom nem som, como podem e sabem. Organização não existe. E, se às vezes dá sinal de si — é apenas para estabelecer escusadas perturbações. O diabo...

Chamamos para o caso a atenção de quem de direito. Um inquérito rigoroso, parece impossível. De contrário, não só o futebol como o desporto beirão devem perder-se definitivamente.

Pretendemos, apenas, defender aspirações gerais, a boa ordem nos campos de jogo. Em todo o país. Eis porque achamos digno de estudo cuidado e sério, inteligente — tudo quanto se passa no distrito de Viseu. O último torneio talvez sirva de índice revelador.

## Notas e novidades que interessam à província

**ALENQUER** — Ernesto Reis, do Sporting, é um veterano com 15 anos de serviços dedicados ao desporto. Por isso mereceu a homenagem que lhe foi prestada, há dias, pelos desportistas desta vila.

**CAMINHA** — Além do remo, também interessa aos desportistas locais a prática do futebol, natacão, «tennis» e «basketball». O Atlético Caminhense é dos clubes interessados na sua propaganda, procurando igualar o prestígio do Sporting — de remo.

**LOUSA** — A Câmara Municipal deste concelho teve já um terreno comprado, com destino ao parque de jogos. Todavia, com desgosto para os desportistas locais, nada se fez até hoje. Cantanhede, Anadia, Arganil, Montemor, Oliveira do Hospital, Penacova, Soure e Poiães, mais ou menos vizinhos de Louisa, possuem campos. Seria bom seguir-lhe o exemplo...

**MANGUALDE** — Ao contrário do que se disse, o Grupo Desportivo de Mangualde não alinhinou com elementos estranhos à sua camisola quando bateu por 5-1 o G. D. de Costendo.

**MOURA** — Jogou aqui a reserva do Belenenses. O grupo lisboeta ganhou por 4-1, demonstrando superioridade. O conjunto do Moura A. C., reforçado com elementos do União de Beja, esforçou-se por dar boa luta aos lisboetas.

**SINTRA** — Efectuou-se nesta vila uma festa desportiva, que decorreu no meio de geral agrado. Constatou de corridas pedestres, futebol, «basket», «volley», pesca, «tennis» de mesa e ciclismo.

Na prova de 150 metros, infantis, triunfou Joaquim Pinto, do Nacional; em 400 metros, foi primeiro Henrique Machado, do Lourel; Fontes, do Lourel, ganhou os 100 metros; em 1.000 metros, ciclismo, para senhoras, venceu D. Maria do Rosário Valdez; o lançamento do disco pertenceu a Póvoas Guedes, do Lourel.

**TOMAR** — Os desportistas tomarense desejam ardentemente possuir um campo de jogos em condições. Tal não acontece. O campo desta cidade encontra-se mal tratado, constituindo o seu piso um perigo permanente para os grupos que nos visitam.

**TONDELA** — Causou sensação a notícia dada pela *Stadium* de que o Desportivo passaria a filial n.º 2 do Estoril Praia. Assim, o popular agrupamento, já campeão da Beira Alta algumas vezes, passaria a chamar-se «Desportivo do Estoril e Tondela».

Ano II — III Série

Lisboa, 11 de Julho de 1945

N.º 136

**Stadium**

REVISTA DESPORTIVA

—

Director e Editor:

Dr. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da

SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LDA.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Trevesa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º

TELEFONE 5 1146 — LISBOA

Execução gráfica de

NEOGRÁVURA, LDA. — LISBOA

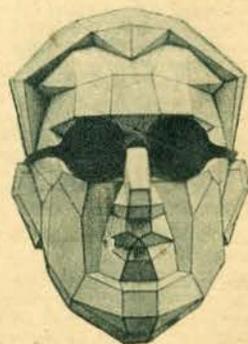
# A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



**RUGBY:** 1—O «equipe» do Belenenses, vencedor do campeonato de Lisboa; 2 e 3—Dois bons instantâneos obtidos no jogo final do mesmo campeonato, entre «azules» e «carnicados».

**TENIS DE MESA:** 4—Oliveira Ramos, do Benfica, vencedor da «Taça de Honra», com Julio Costa, seu adversário na final. 5—As equipas do Benfica e do Académico do Porto, finalistas do campeonato nacional, ganho pela primeira.

**FESTAS ASSOCIATIVAS:** 6—No Ateneu Comercial, durante a distribuição de prémios efectuada na festa anual de «tênis de mesa»; 7—A sessão solene realizada no Sport Club Intendente, durante a qual se procedeu também à distribuição de prémios disputados em diversos torneios.



**GIL  
OCULISTA**  
FUNDADA EM 1866  
Depositária das lentes "ZEISS"  
Binóculos, Termómetros  
Bússolas de marcha, etc.  
Aparelhos de Precisão  
136, RUA DA PRATA, 140  
Telefone 22829 LISBOA